

# O PATRIMÓNIO INDUSTRIAL NO VALE DO AVE O TÊXTIL COMO CHAVE DE LEITURA TERRITORIAL

FRANCISCO DA SILVA COSTA

*CEGOT/Departamento de Geografia, Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho,  
Campus de Azurém, 4800-058 Guimarães, costafs@geografia.uminho.pt*

## Introdução

A preocupação de proteger e estudar o património industrial é uma atitude muito recente. Os vestígios/mónumentos industriais têm vindo a ser estudados e divulgados pela arqueologia industrial. O objecto de estudo do património industrial é múltiplo na sua abordagem, considerando as várias áreas produtivas e as diversas soluções construtivas. Assim, referimo-nos frequentemente aos vestígios deixados pela indústria têxtil, vidreira, cerâmica, metalúrgica ou de fundição, química, papelreira, alimentar, extractiva – as minas, para além da obra pública, dos transportes, das infra-estruturas comerciais e portuárias, das habitações operárias, etc.

A história local e o estudo do património industrial ligado ao têxtil, tendo em conta os objectos do quotidiano, de tecnologia, de processos de trabalho, de saber-fazer, utensílios e equipamento, apresentam alguns exemplos de grande interesse:

- as oficinas, manufacturas e fábricas de fição e tecidos e os diferentes processos produtivos, tecnologias e equipamentos associados;
- as fontes de energia, desde as rodas hidráulicas até às oficinas hidroeléctricas;
- a multifuncionalidade dos edifícios industriais.

Nos últimos séculos, o rio Ave e seus afluentes marcaram, de forma singular, a implantação industrial do têxtil, o que se relaciona com as vantagens associadas às facilidades hídricas para a produção de energia e o abastecimento de água nas diferentes fases dos processos industriais em que esta é utilizada.

Factor determinante na localização industrial no vale do rio Ave foi, sem dúvida, a água. De facto, verifica-se que a distribuição espacial das unidades industriais acompanham, muito de perto, o traçado de algumas linhas de água, intensificando-se na vizinhança dos aglomerados urbanos. A situação do recurso água tornou-se assim paradigmática em toda a bacia hidrográfica do rio Ave pelo papel desempenhado na localização da indústria têxtil, com raízes históricas que remontam a um artesanato ligado ao linho e à implantação do têxtil do algodão a partir de meados do século XIX.

Pretende-se com este artigo dar um contributo sobre o património que resultou da relação entre o recurso água e a indústria têxtil, e as potencialidades que decorrem da sua integração territorial no vale do Ave, quer através de espaços museológicos, quer a partir de rotas temáticas, existentes e a considerar.

## 1. Enquadramento geográfico

A bacia hidrográfica do rio Ave está localizada no Noroeste de Portugal entre os 41° 15' e 41° 40' de latitude Norte e 8° 00' e 8° 45' de longitude Oeste, numa área de aproximadamente 1391 km<sup>2</sup>.

Esta bacia confronta a norte com a bacia hidrográfica do rio Cávado, a oriente com a bacia hidrográfica do rio Douro e a sul com a bacia hidrográfica do rio Leça.

Os concelhos de Guimarães e Vila Nova de Famalicão ficam totalmente integrados na bacia hidrográfica do rio Ave, enquanto que Braga, Barcelos, Celorico de Basto, Fafe, Póvoa do Lanhoso e Vieira do Minho, todos do distrito de Braga e ainda parte dos concelhos de Felgueiras, Lousada, Maia, Paços de Ferreira, Póvoa de Varzim, Santo Tirso e Vila do Conde do distrito do Porto, parcialmente (fig. 1).

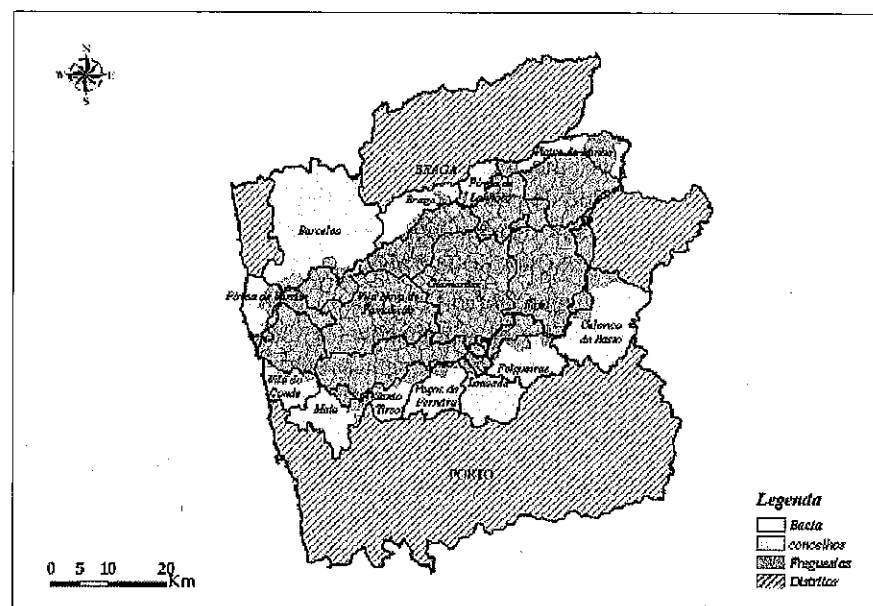


Fig. 1. Enquadramento administrativo da bacia hidrográfica do rio Ave.  
Fonte: IGEO

## 2. A indústria têxtil, local como base territorial historicamente sustentada pela bacia hidrográfica do rio Ave

Na bacia hidrográfica do rio Ave do início do século XX, existe já um conjunto de fábricas instaladas nas margens daquele rio ou dos seus afluentes, com edifícios construídos de raiz, com alguns equipamentos modernos, mecanização e significativa concentração operária (Alves, J. F., 2002). O vale do Ave transformou-se, assim, num território industrial de grande densidade empresarial, particularmente

no espaço central do Médio Ave. Trata-se dum período histórico favorável à instalação de grandes fábricas nesta região, num movimento de afirmação e de gradual expansão. São fábricas que exploram as energias hídricas, primeiro por sistemas hidráulicos, depois pela electricidade, além de, complementarmente, instalarem máquinas a vapor, sobretudo para serem activadas nos períodos de estiagem (Alves, J. F., 1999).

O rio Ave e seus afluentes marcam, assim, a implantação industrial do têxtil, o que se relaciona com as vantagens associadas às facilidades hídricas para produção de energia e abastecimento de água nas diferentes fases dos processos industriais em que esta é utilizada.

O desenvolvimento da indústria algodoeira, no vale do Ave, é o resultado duma conjugação de diversos factores, na qual se destaca uma bacia, hidrogeomorfológicamente, favorável a propiciar pequenas quedas-d'água, geralmente aproveitamentos dos tradicionais açudes, inicialmente erguidos para moinhos e posteriormente, para colmatar outro tipo de carências energéticas, como a falta de carvão (Alves, J. F., 1999).

A têxtil de mono especialização algodoeira foi a actividade motora da região, desempenhando um efeito estruturante sobre toda a vida económica e social, a que se ajustaram pessoas e paisagens (Alves, J. F., 2003), e promovendo várias formas de pluriactividade. A mecanização, na sua lenta implantação, propiciou o movimento que, gradualmente, conduziu o vale do Ave para a quase mono especialização algodoeira, no que se refere à indústria têxtil, estabelecendo uma implantação industrial difusa que, numa primeira fase, tendeu a seguir os cursos de água para aproveitamentos hidráulicos, só ganhando disseminação pelos interiores campestres, quando passou a dispor de outros recursos energéticos: os motores a gás, o vapor, a electricidade (Alves, J. F., 2002).

É neste quadro que se desenvolve um processo industrial historicamente sustentado pelo sector têxtil, onde é possível distinguir várias formas de intervenção distintas do ponto de vista do aproveitamento das águas e da ocupação do domínio público hídrico:

- a implantação e expansão fabril – convém diferenciar, por um lado, as obras relacionadas com os edifícios que servem propriamente as diferentes fases do processo produtivo industrial, e por outro as centrais hidroeléctrica, os anexos e outras de apoio e acesso;
- a utilização das águas para a produção hidroeléctrica e/ou para fins industriais – pressupõem um conjunto de intervenções no leito e nas margens relacionadas com a captação, extracção, a condução e o armazenamento das águas;
- as obras e técnicas de tratamento e emissão dos efluentes líquidos produzidos, resultantes das águas utilizadas nos diferentes processos produtivos da indústria têxtil.

### 3. As fábricas de fição e tecelagem no quadro industrial regional e local: contributo para uma arqueologia industrial<sup>1</sup>

É, sem dúvida, no Médio Ave, propriamente, na zona da confluência do rio Vizela com o rio Ave, que se nota uma maior concentração da indústria têxtil, resultando daí um maior dinamismo na relação com os cursos de água aí existentes. A maior dinâmica nesta área da bacia hidrográfica deve ter em conta que para além de estarmos na presença das principais unidades industriais ligadas ao têxtil, são também aquelas que atingem maior dimensão empresarial.

Uma das unidades fabris mais importante na região foi, sem dúvida, a Fábrica de Fiação do Rio Vizela, que em 1845, se instalou em Santo Tirso. Em 1922, o antigo edifício da primitiva fábrica, situada na freguesia de Aves, foi destruído por um incêndio, tendo sido, por isso, reconstruído (fig. 2).

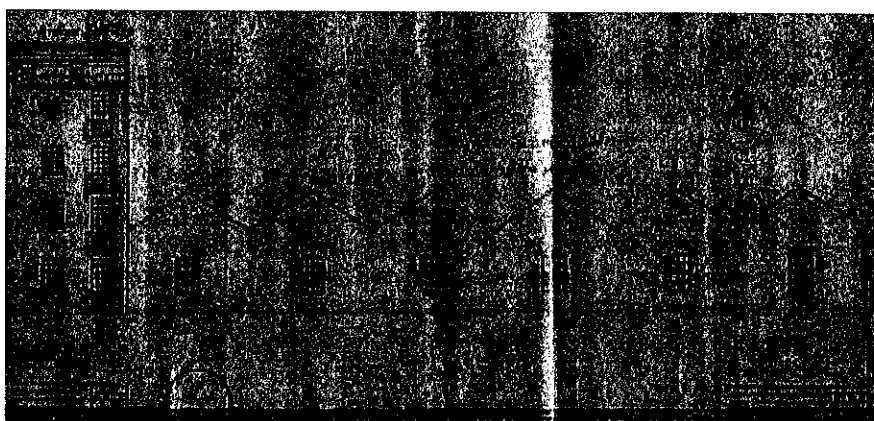


Fig. 2. Projecto relativo ao pedido de licenciamento para reconstruir parte do antigo edifício da primitiva Fábrica de Fiação do Rio Vizela (Fábrica, Negrelos (São Tomé), Santo Tirso, 1922).

Fonte: Administração da Região Hidrográfica do Norte

<sup>1</sup> Este ponto é resultante duma investigação enquadrada no âmbito da tese de doutoramento "A Gestão das Águas Públicas — O caso da Bacia Hidrográfica do Rio Ave no período 1902-1973", apresentada à Universidade do Minho, em 2008.

O marco simbólico do têxtil no rio Ave situa-se no concelho de Vila Nova de Famalicão com a instalação da Sampaio, Ferreira & Companhia, em Riba de Ave. Narciso Ferreira, o empresário têxtil da região, lançou novas unidades fabris, sendo de destacar, em 1905, a Empresa Têxtil Eléctrica, na freguesia de Bairro, a primeira electrificada (Alves, J. F., 2003), criando-se desde logo um verdadeiro grupo empresarial de base familiar. Idealizada para trabalhar a energia hidroeléctrica produzida na própria fábrica, surge também para aproveitar os desperdícios de algodão da casa-mãe no fabrico de cobertores e cotins grossos.

Várias outras fábricas aparecem no início do século XX, aproveitando a força motriz das águas do rio Ave. É o caso da empresa Faria N. Guimarães & Companhia de Delães (Vila Nova de Famalicão), que surge em 1907, com a construção duma fábrica de tecidos (fig. 3), aproveitando a força motriz de antigas moendas para a sua laboração.

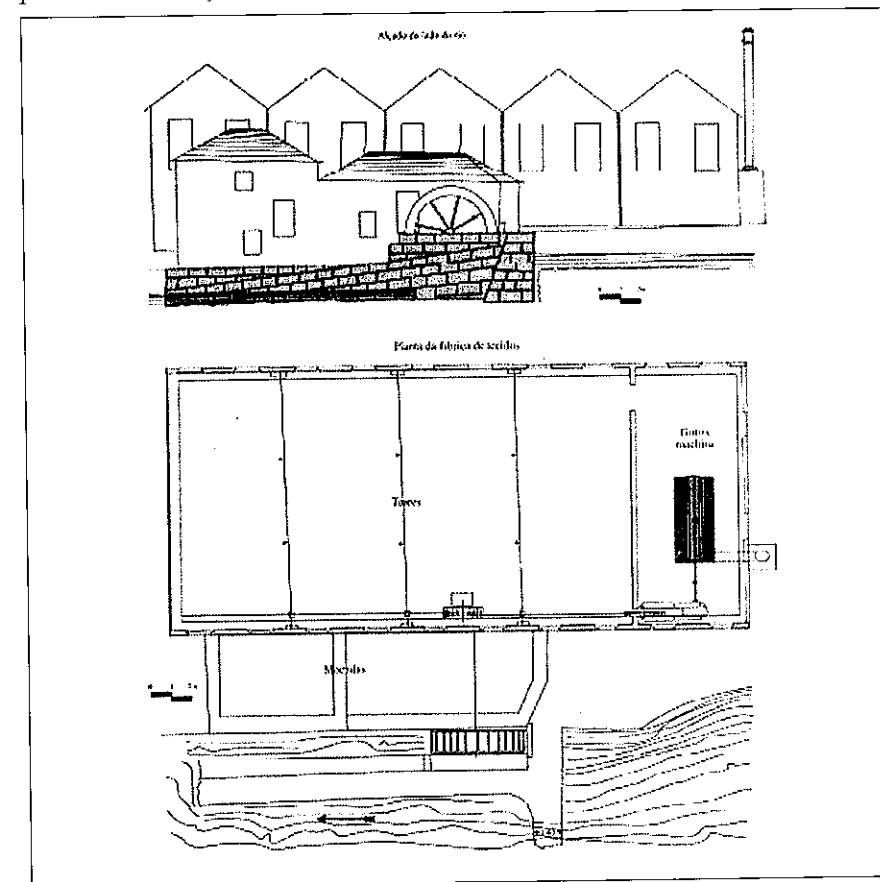


Fig. 3. Projecto relativo ao pedido de licenciamento de Faria N. Guimarães & Companhia para construir uma fábrica de tecidos (Corredoura, Delães, Vila Nova de Famalicão, 1907)

Fonte: Administração da Região Hidrográfica do Norte

É importante referir o elevado número de processos associados a pedidos de ampliação das unidades industriais existentes, sendo de destacar algumas que se situavam na proximidade da confluência do rio Vizela com o rio Ave:

- a Empresa Industrial de Negrelos (Aves), da margem direita do rio Vizela, vê, em 1920, aprovada a construção dum novo edifício e anexos para a sua fábrica de tecidos, moagens e engenho de serração e o alargamento dum canal duplo para instalação de duas rodas hidráulicas, para em 1922 proceder à sua ampliação e reformar a sua fachada (fig. 4);

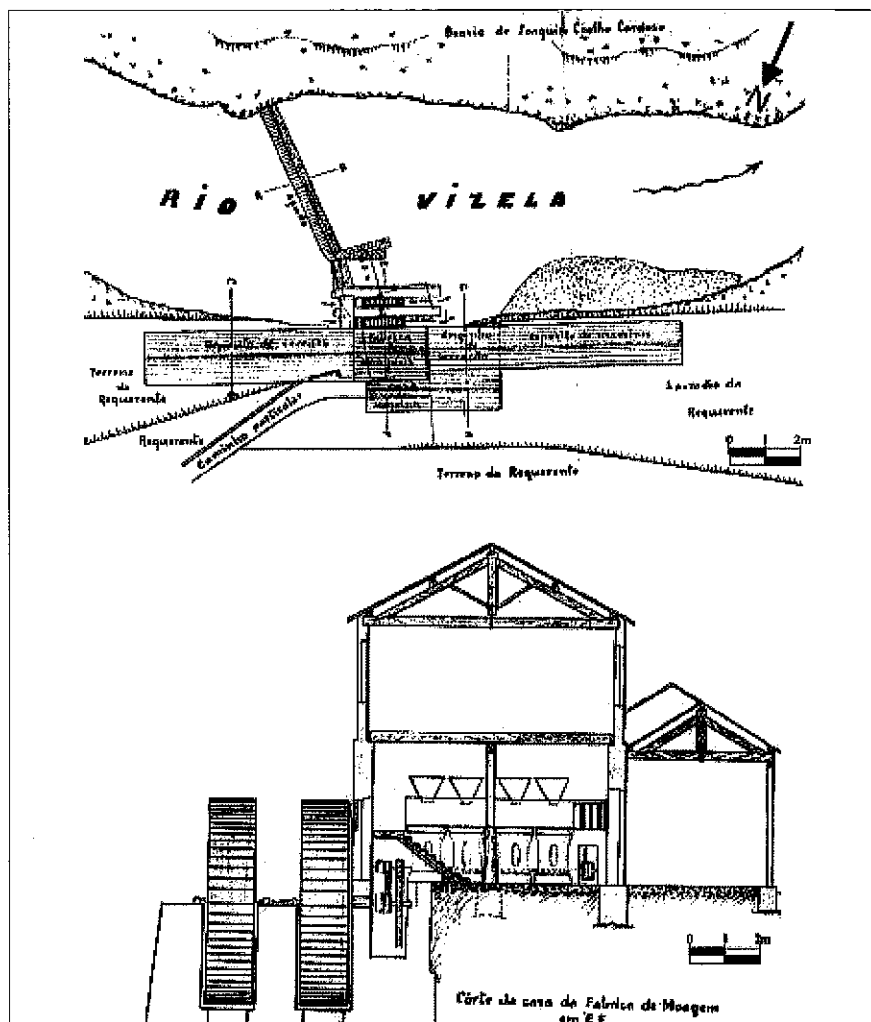


Fig. 4. Projecto relativo ao pedido de licenciamento para construir o edifício destinado a fábrica de moagens e engenho de serração na margem direita do rio Vizela (Vau, Aves, Santo Tirso, 1922)  
Fonte: Administração da Região Hidrográfica do Norte

- na margem direita do rio Ave, o proprietário da Empresa Francisco Inácio Cunha Guimarães pede, em 1921, para ampliar a fábrica de tecidos da Fábrica do Caído, em Pedome (Santo Tirso), de forma a colocar 3 moinhos de cereais accionados pela roda hidráulica existente (fig. 5)

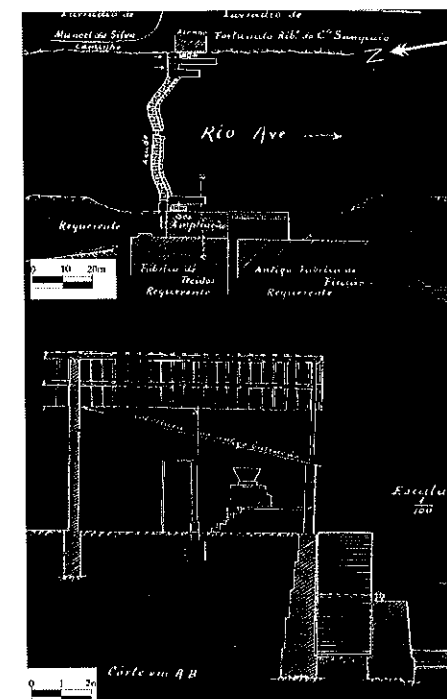


Fig. 5. Projecto relativo ao pedido de licenciamento para ampliar fábrica de tecidos na margem direita do rio Ave (Caído, Pedome, Vila Nova de Famalicão, 1921)  
Fonte: Administração da Região Hidrográfica do Norte

- em 1922, é feito um pedido por parte da Fábrica de Tecidos da Ponte Lda., para ampliar o seu edifício, na margem direita do rio Ave, em Oliveira (São Mateus), Vila Nova de Famalicão; em 1960, já com a designação de Empresa Têxtil de Gavim Lda., é-lhe concedida a licença para a construção dum anexo, destinado à utilização industrial;
- em 1948, a empresa Gonçalves & Irmão (Ronfe, Guimarães) obtém diploma de licença para a construção de dois edifícios destinados à ampliação da sua fábrica de tecidos, na margem direita do rio Ave;
- a Empresa Industrial de Santo Tirso, Lda., procede à legalização da construção dum edifício, destinado a armazém de tecidos, na margem direita do ribeiro de Sanguinhedo (Ave), em 1952;
- em 1955, a Empresa Fabril Tirsense (Santo Tirso) procede a obras de ampliação e em 1968, a partir da abertura de poços em profundidade para colocação de colunas no rio Ave, aumenta o edifício principal;

- em 1964, é concedido licenciamento à firma Ribeiro e Reis, Lda., de Bougado (São Martinho), em Santo Tirso, para a abertura de 3 poços destinados a permitir a colocação de pegões na margem esquerda do ribeiro da Paradela (Ave), para a construção de edifício-armazém de desperdícios de algodão;
- outro importante núcleo da indústria têxtil cresceu e desenvolveu-se em torno do rio Vizela, especialmente nas freguesias de Lordelo, Vizela (São João) e Vizela (São Miguel), do concelho de Guimarães, e Campo (São Martinho), em Santo Tirso;
- em 1921, é concedido à Empresa Fabril de Lordelo o diploma de licença, para a construção duma fábrica de tecidos, na margem direita do rio Vizela, com canal duplo para a instalação de rodas hidráulicas (fig. 6).

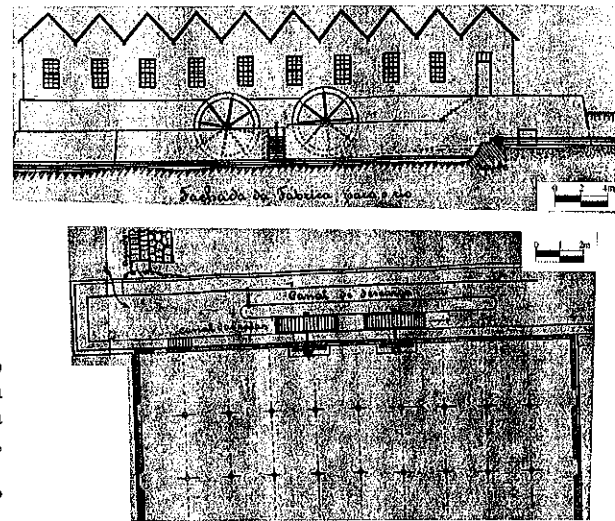


Fig. 6. Projecto relativo ao pedido para a construção da fábrica de tecidos da Empresa Fabril de Lordelo (Giesteira, Lordelo, Guimarães, 1921)  
Fonte: Administração da Região Hidrográfica do Norte

No ano seguinte, mais obras seriam licenciadas para ampliar o edifício de fábrica de tecidos e colocar uma nova roda hidráulica:

- a Empresa Industrial Sampedro (Lordelo) apresenta, no início da década de 20, um pedido para a produção de energia necessária ao accionamento duma fábrica a realizar, com a instalação de roda hidráulica "Poncelet", cuja altura da queda foi determinada pelo açude de 1,8 metros e o volume de água a utilizar de 2000 l/s, em águas médias. A potência da nova roda (fig. 7), calculada em 48 cv, destinava-se ao desenvolvimento industrial de linhos e moagem;
- a Fábrica de Fiação e Tecidos do Bairro, Lda., é autorizada a ampliar o edifício da sua sucursal a "Fábrica do Vau" de Lordelo (fig. 8), em 1920;

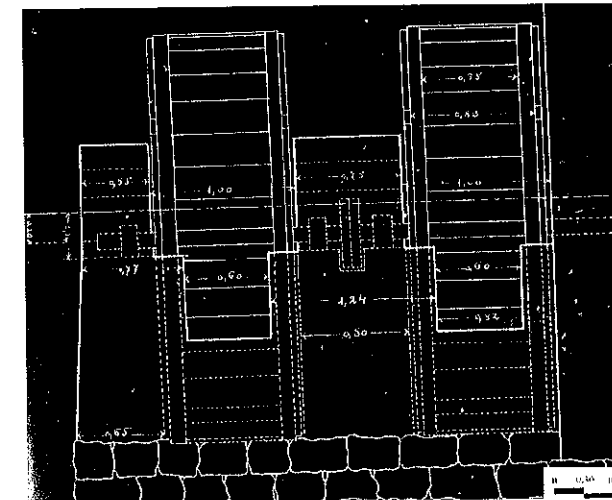


Fig. 7. Projecto relativo ao pedido de licenciamento para a instalação de roda "Poncelet" na margem direita do rio Vizela (Azenha de Baixo, Lordelo, Guimarães, 1927)  
Fonte: Administração da Região Hidrográfica do Norte

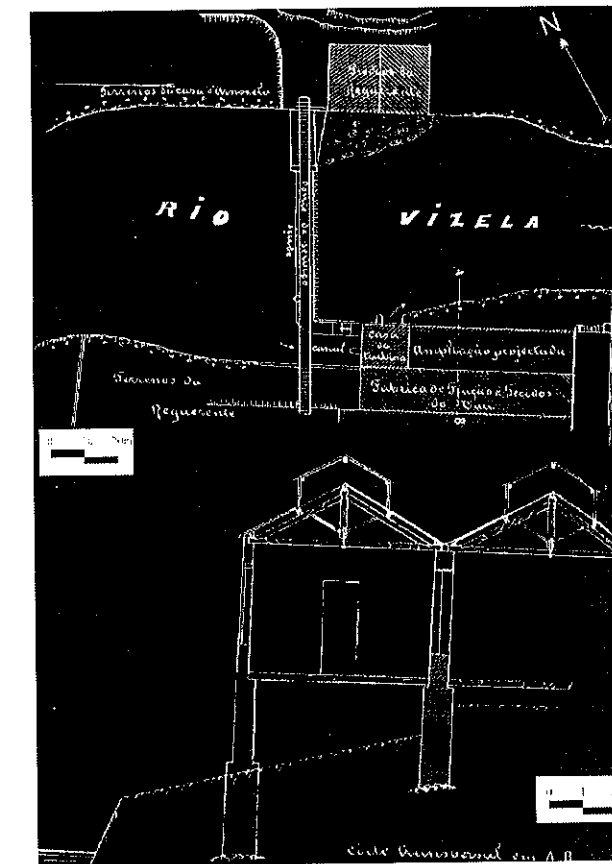


Fig. 8. Projecto relativo ao pedido de licenciamento para a ampliação de edifício da sucursal "Fábrica do Vau" na margem direita do rio Vizela (Mide, Lordelo, Guimarães, 1920)  
Fonte: Administração da Região Hidrográfica do Norte

- a firma Têxtil das Azenhas Novas, Lda., das Caldas de Vizela (São João), em Guimarães, solicitou vários pedidos de obras de ampliação, nas décadas de 30 (1937) e 40 (1941, 1947 e 1949);
- em 1935, a Brito & Gomes, Lda. (Caldas de Vizela (São Miguel, Guimarães), localizada na margem esquerda do ribeiro de Passos, é autorizada a construir um edifício destinado ao fabrico de tecidos e respectivos anexos (fig. 9);

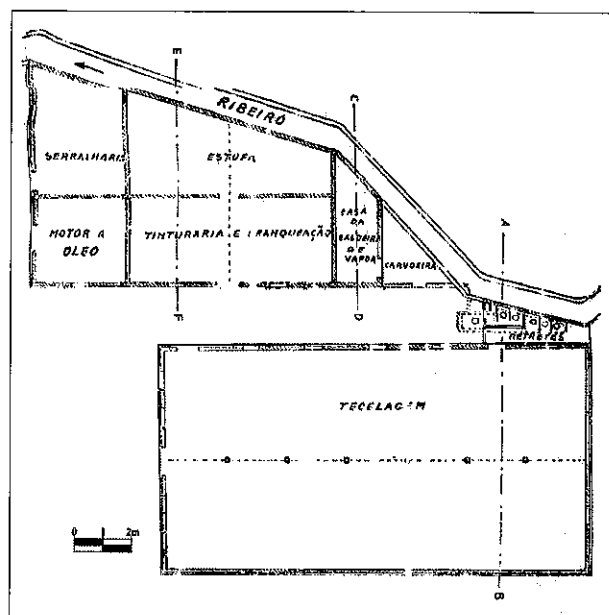


Fig. 9. Projecto relativo ao pedido de licenciamento para construir edifício destinado ao fabrico de tecidos na margem esquerda do ribeiro de Passos (Rua Dr. P. Caldas, Vizela (São Miguel), Guimarães, 1935).

Fonte: Administração da Região Hidrográfica do Norte

- em 1948, a Varela Pinto & Companhia Lda., das Caldas de Vizela (São Miguel), é autorizada para construir um edifício, destinado à oficina mecânica e passados vinte anos (1968), o proprietário obterá para ampliar as instalações fabris;
- a Empresa Industrial do Campo, situada na margem direita do ribeiro de Fundelho (Vizela), na freguesia de Campo (São Martinho), em Santo Tirso, iniciou a sua actividade industrial quando, em 1927, pede para substituir ou transformar um antigo engenho de lagar de azeite e parte de uns antigos moinhos, por um engenho de serração, demolindo parte do mesmo edifício, para a ampliação da margem, e, em 1940, procedeu à legalização da construção de edifício onde se encontrava instalada a sua fábrica (fig. 10);
- na freguesia de Campo (São Martinho), a Fábrica de Tecidos da Ponte de Negrelos começa a sua actividade no sector têxtil, em 1928, com a reconstrução e ampliação do seu antigo edifício da fábrica de moagem e serração de madeira, na margem esquerda do rio Vizela. Este edifício destinava-se a uma fábrica de tecidos a vapor, tendo na mesma altura procedido à elevação dum anexo destinado à instalação de máquinas da mesma (fig. 11).

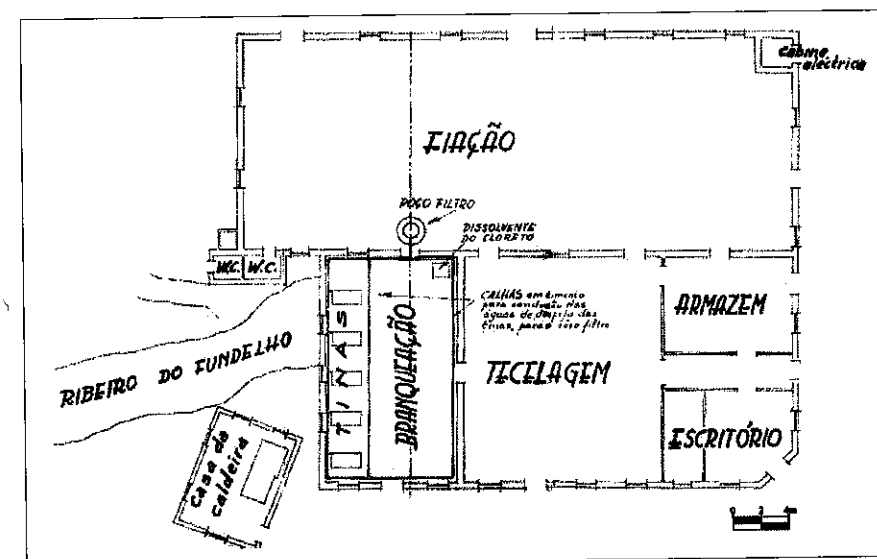


Fig. 10. Projecto relativo ao pedido de legalização para a construção de edifício sobre o ribeiro de Fundelho (Vale, Campo (São Martinho), Santo Tirso, 1940)

Fonte: Administração da Região Hidrográfica do Norte

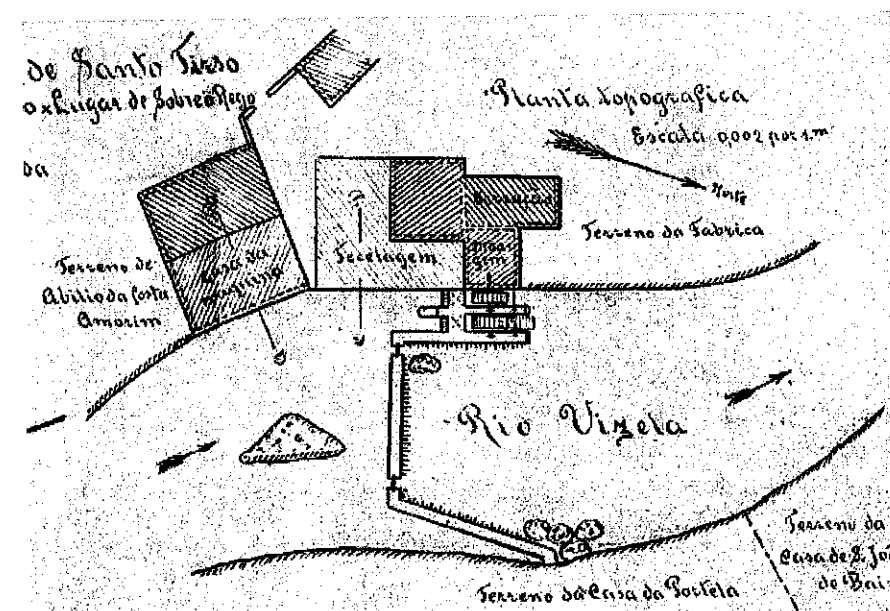


Fig. 11. Projecto relativo ao pedido de licenciamento para reconstruir e ampliar edifício da fábrica de moagem e serração, na margem esquerda do rio Vizela (Sobre-o-Rego, Campo (São Martinho), Santo Tirso, 1928)

Fonte: Administração da Região Hidrográfica do Norte

Anos mais tarde (1935), entra um requerimento para construir um novo edifício destinado à tecelagem e a armazém de matérias-primas (fig. 12), para o qual obtém o respectivo diploma.

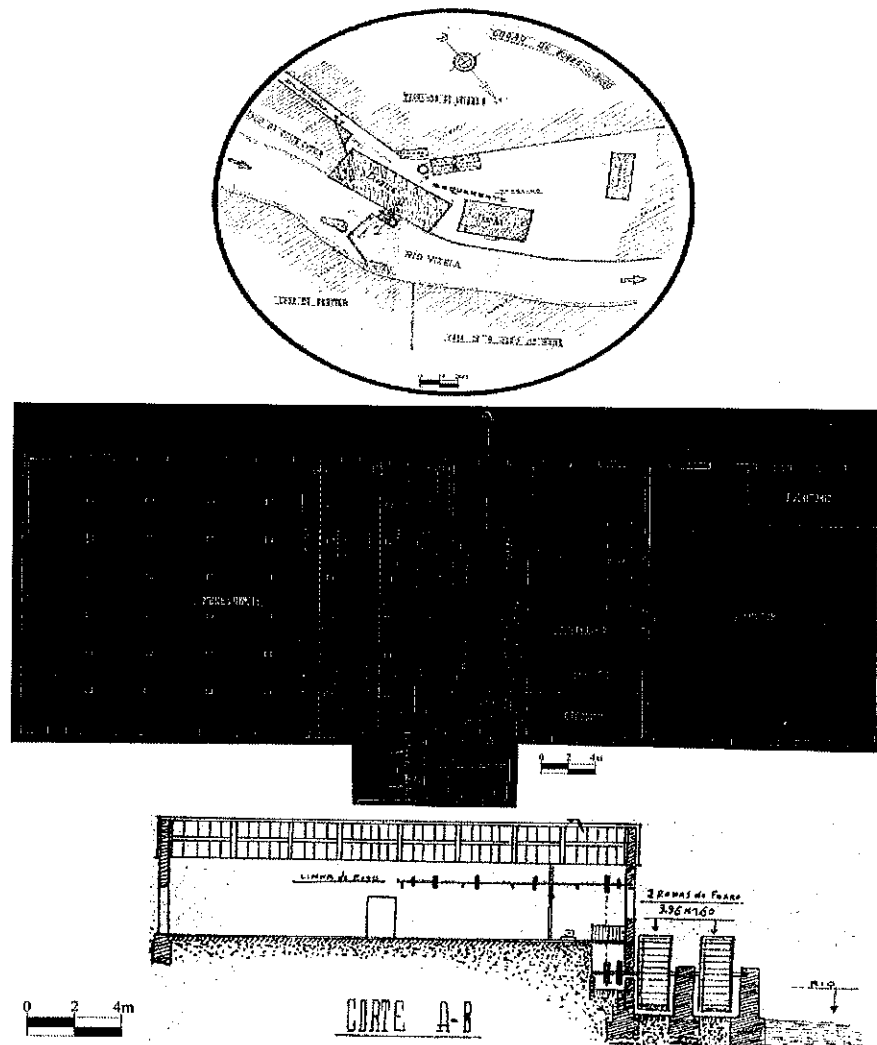


Fig. 12. Projecto relativo ao pedido de licenciamento para ampliar fábrica de tecidos na margem esquerda do rio Vizela (Sobre-o-Rego, Campo (São Martinho), Santo Tirso, 1935)  
Fonte: Administração da Região Hidrográfica do Norte

A Fábrica de Tecidos de Vilarinho (Santo Tirso) obtém licença para efectuar obras de ampliação em 1938 e 1948 no edifício da sua fábrica, localizado na margem esquerda do rio Vizela.

É no concelho de Guimarães que encontramos uma terceira área de grande concentração do sector têxtil, nomeadamente em Pevidém, considerado o centro fabril rural mais importante da indústria deste género, nesta região. Até aos anos 60, as freguesias situadas ao longo do rio Selho, principalmente, Selho (São Jorge), Selho (São Cristóvão) e Gondar, registam um desenvolvimento industrial muito activo na fição, tecelagem e acabamentos.

A empresa Francisco Inácio Cunha Guimarães é sem dúvida a referência desta região, pelos seus aproveitamentos no Moinho do Buraco e no Carvalho do Moinho, nas margens do rio Selho. É aqui que a industrialização da fição surge pela primeira vez, em 1908, na Fábrica do Moinho do Buraco, onde são instalados 720 fusos. Em 1922, a fábrica, situada no Moinho da Buraca, foi aumentada (fig.13), com a ampliação do edifício de fição e tecidos, sobre o muro existente do canal das turbinas e a reconstrução dos pilares das comportas do açude, para manter a antiga passagem sobre o açude entre as duas margens.

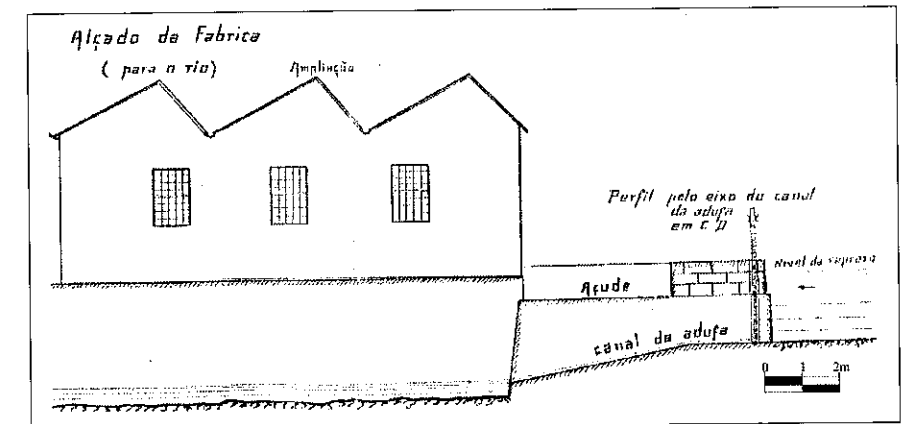


Fig. 13. Projecto relativo ao pedido de licenciamento para ampliar o edifício da fábrica de fição de tecidos na margem direita do rio Selho (Pevidém, Selho (São Jorge), Guimarães, 1922)  
Fonte: Administração da Região Hidrográfica do Norte

Localizada na margem esquerda do rio Selho, na freguesia de Gondar, a Empresa Industrial de Pevidém, Lda., foi fundada em 1902 por João Mendes Ribeiro e passou a utilizar máquinas de fição de algodão a partir de 1912, quando este proprietário instala nessa fábrica uma secção de fição.

Há também outras fábricas que se instalaram ao longo do rio Selho e seus afluentes e desenvolvem várias actividades ligadas ao têxtil, o que implicou um aumento da área industrial construída no domínio público hídrico:

- na margem direita do rio de Couros, é autorizada, em 1943, à empresa Bento dos Santos Costa & Companhia, Lda. (Guimarães (Oliveira do Castelo)), a construção de acréscimo ao edifício onde estava instalada a fábrica de malhas;

- em 1950, é legalizada parte do edifício da fábrica de tecidos (construída há 20 anos) da Empresa Joaquim Ribeiro Moura & Filhos, de Creixomil, e sete anos mais tarde é concluída a construção de edifício para ampliação de instalações fabris;
- em 1951, a Fábrica de Fiação e Tecidos da Ponte de Souto (Candoso (São Martinho)) recebe o diploma de licença para ampliar instalações fabris sobre o rio Selho, canalizando-o para este efeito.

Embora a concentração do têxtil esteja essencialmente ligada ao Médio Ave, podemos referir outras empresas que tiveram um papel importante no desenvolvimento industrial local. Na transição para o Alto Ave e ainda no concelho de Guimarães, situam-se duas destas empresas: a Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães e a Firma Alfredo da Silva Araújo & Companhia, Lda.. Fundada em 1890, em Campelos, na freguesia de Ponte, a Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães requereu em 1911, licença para construir um açude, canal e casa de máquinas destinados à instalação hidroeléctrica, no chamado aproveitamento hidroeléctrico da Mata dos Infernos (fig. 14).

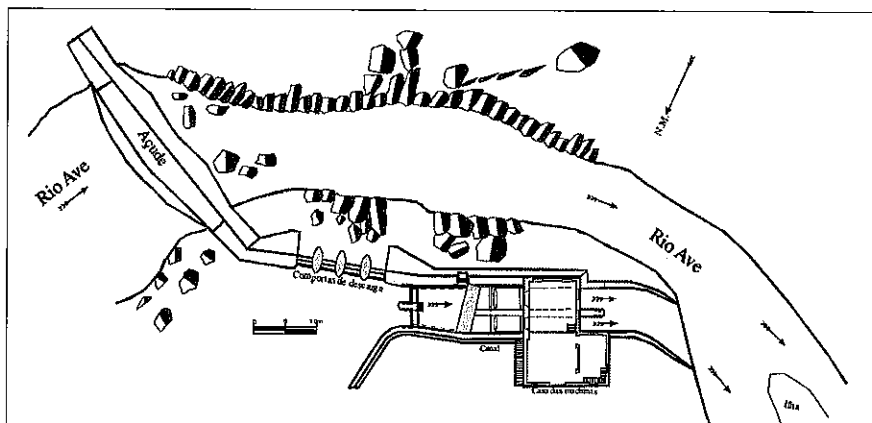


Fig. 14. Planta relativa ao pedido de licenciamento para a construção de açude, canal e casa de máquinas destinados à instalação hidroeléctrica na margem direita do rio Ave (Mata dos Infernos, Ronfe, Guimarães, 1911)

Fonte: Administração da Região Hidrográfica do Norte

Na freguesia de Castelões, a firma Alfredo da Silva Araújo & Companhia, Lda., pediu, em 1929, a concessão de interesse privado do aproveitamento das águas do rio Ave, entre os sítios de Abelheira e de Beledo, da freguesia de Taíde, Póvoa de Lanhoso (margem direita) e da freguesia de Castelões, Guimarães (margem esquerda), para a laboração da sua fábrica de fiação e tecelagem e onde pretendia instalar uma turbina Francis, em substituição das rodas hidráulicas existentes. A partir do final da década de 40, esta firma passou por várias fases de remodelação e ampliação das suas instalações fabris (1948, 1955, 1960 e 1964).

No concelho da Póvoa de Lanhoso, na margem direita do rio Ave, localiza-se a Fábrica de Tecidos de Redufe, Lda., na freguesia de Santo Emilião. Em 1952, o proprietário procedeu à legalização dum aproveitamento hidráulico, constituído por uma roda hidráulica (desenvolvendo a potência de 18 hp) e dum açude (com duas comportas), destinado à laboração da sua fábrica de fiação e tecelagem. Esta fábrica também foi alvo de ampliações, a primeira, provavelmente na década de 30, já que em 1934 foi pedida a legalização da construção dum edifício destinado à tecelagem (fig. 15).

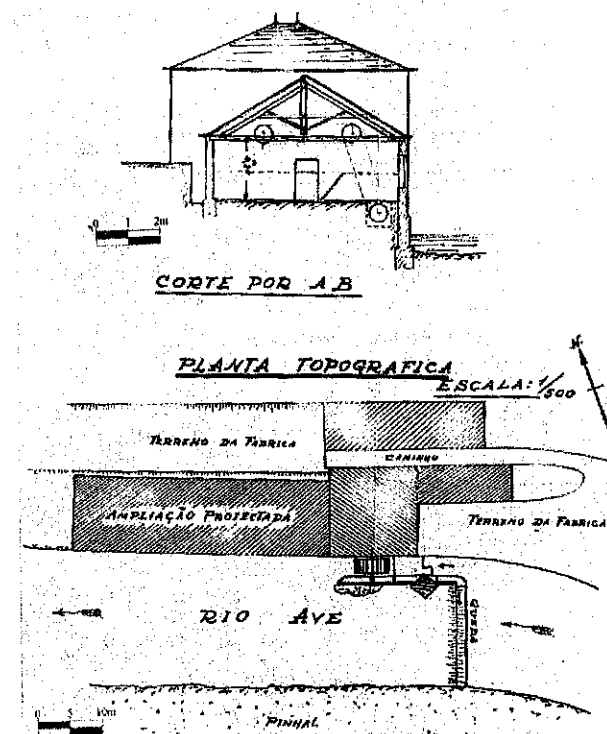


Fig. 15. Projecto relativo ao pedido de licenciamento para aumentar o edifício da fábrica de tecidos na margem direita do rio Ave (Redufe, Santo Emilião, Póvoa de Lanhoso, 1934)

Fonte: Administração da Região Hidrográfica do Norte

No curso superior do rio Vizela, nomeadamente no concelho de Fafe, são de referir a Firma M. Almeida & Companhia, de Cepães, a Companhia de Fiação e Tecidos de Fafe e a Fábrica de Fiação e Tecidos do Bugio de José Florêncio Soares, Sucessores (Silvares (São Martinho)).

Os sucessivos aumentos dos espaços físicos nas fábricas têxteis vêm demonstrar, em muitas situações, a complementaridade que existia entre algumas actividades industriais. Poderemos falar, nestes casos, de pluriactividade, já que, numa fase inicial, a fiação e a tecelagem surgem numa evolução natural, que permitiu a sua integração em edifícios onde já se tinham instalado a trituração do linho, a moagem de cereais ou da azeitona e a serração de madeira. Muitas destas fábricas



aparecem num contexto de economia familiar, o que permitiu a manutenção da actividade agrícola durante muitos anos.

Relativamente às outras sub-bacias (Este, Pele e Pelhe), as referências, quer a pedidos de construções, quer de ampliações são muito escassas. Na margem esquerda do rio Este, a Fábrica de Tecidos Coutinho, Lda. (Braga (São José de São Lázaro)) é autorizada, em 1957, à construção dum edifício junto à fábrica para ampliação da mesma. À empresa Joaquim Oliveira & Filhos, Lda. (Pousada de Saramagos, Vila Nova de Famalicão), localizada na margem direita do ribeiro de Vilamão (Pele), é-lhe atribuída diploma de licença em 2 processos: um para a construção dum edifício fabril de rés-do-chão e 1.º andar para armazém (1959) e o outro para a construção dum salão para ampliação da sua fábrica (1963). A SAFIL – Simão Abreu e Filhos, Lda., realizou obras de ampliação industrial, na margem direita do ribeiro de Figueiras (Pele), em 1972. O único processo relativo ao rio Pelhe data de 1965 e diz respeito à Empresa Têxtil Manuel Gonçalves de Vale (São Cosme), Vila Nova de Famalicão, e relaciona-se com a construção dum anexo para armazém de indústria.

Os sucessivos aumentos dos espaços físicos nas fábricas têxteis vêm demonstrar, em muitas situações, a complementaridade que existia entre algumas actividades industriais. Poderemos falar, nestes casos, de pluriactividade, já que, numa fase inicial, a fiação e a tecelagem surgem numa evolução natural, que permitiu a sua integração em edifícios onde já se tinham instalado a trituração do linho, a moagem de cereais ou da azeitona e a serração de madeira. Muitas destas fábricas aparecem num contexto de economia familiar, o que permitiu a manutenção da actividade agrícola durante muitos anos.

A especificidade da indústria têxtil, na bacia hidrográfica do rio Ave, foi clara ao longo do todo o século XX, não só pelo peso que representou no conjunto do sector secundário, como na sua especialização ligada à fiação e ao tecido, bem como à sua representatividade, que, embora tendencialmente concentrada no Médio Ave, tem uma expressão ao nível de toda a bacia.

#### 4. O património industrial ligado ao têxtil

A história local e o estudo do património industrial ligado ao têxtil são referências em dois projectos-âncora no Vale do Ave: a Rota do Património Industrial do Vale do Ave e o Museu da Indústria Têxtil da Bacia do Ave.

##### 4.1 A Rota do Património Industrial do Vale do Ave

O projecto foi promovido pela ADRAVE – Agência de Desenvolvimento Regional do Vale do Ave, em 2002 ([www.rotanoave.com](http://www.rotanoave.com)). Este projecto tem por objectivo, entre outros:

- caracterizar como um todo, na sua unidade e diversidade, a indústria do Vale do Ave numa perspectiva histórica, sociológica, antropológica e arquitectónica;

- criar um percurso de visita aos testemunhos do que de mais interessante os homens e as máquinas aqui criaram, constituindo uma Rota e seus percursos temáticos, salientando nomeadamente a importância do rio Ave como pólo aglutinador da indústria da região;
- ajudar a preservar o património industrial e pré-industrial do Vale do Ave, mostrando a diversidade e a qualidade das estruturas arquitectónicas industriais aqui existentes.

Nos oito concelhos que integram a rota foram seleccionados pólos de visita, sendo um alvo de pequenos arranjos e melhoramentos no sentido do seu tratamento museológico. A Rota do Património Industrial do Vale do Ave, um projecto concebido no âmbito do turismo cultural, percorre 24 unidades industriais e pré-industriais, distribuídas por sub-rotas fundamentais na compreensão dos processos de industrialização do Vale do Ave: Rio e mecanismos da água – da energia hidráulica à energia eléctrica; Espaços de Produção – variedade e complexidade; Paisagem Industrial – modernização e persistências locais (fig. 16).

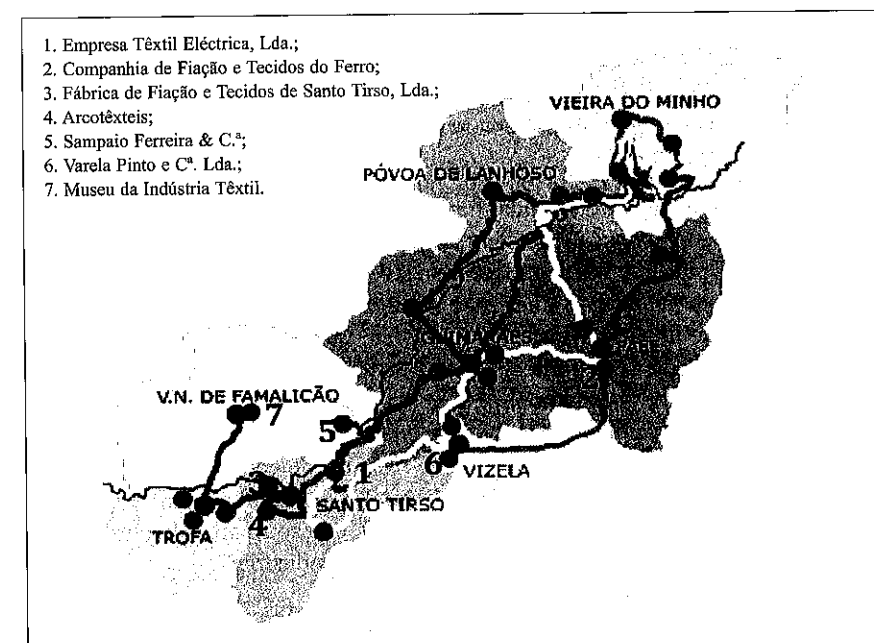
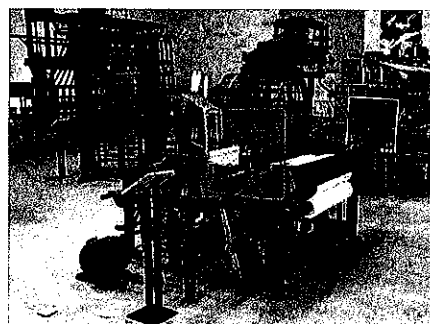


Fig. 16. Sub-rotas do Património Industrial do Vale do Ave  
Fonte: [www.rotanoave.com](http://www.rotanoave.com)

##### 4.2 Museu da Indústria Têxtil da Bacia do Ave

O Museu da Indústria Têxtil da Bacia do Ave ([www.museudaindustriatextil.org](http://www.museudaindustriatextil.org), fot. 1) foi fundado em 1987 como um projecto de investigação em arqueologia

Fot. 1. Museu da Indústria Têxtil da Bacia do Ave  
Fonte: www.museudaindustriatextil.org



Fots. 2 e 3. Actividades desenvolvidas pelo Museu da Indústria Têxtil da Bacia do Ave  
Fonte: www.museudaindustriatextil.org

industrial, com o objectivo de estudar o processo de industrialização desta região e contribuir para a preservação do seu património industrial.

O Museu da Indústria Têxtil da Bacia do Ave tem por missão investigar, conservar, documentar, interpretar, valorizar e divulgar todos os aspectos relacionados com o processo de industrialização da região em que se encontra inserido, com vista à salvaguarda dessa memória histórica e de forma a contribuir para um maior enriquecimento cultural da sua população.

O museu desenvolve diversas actividades, tais como visitas guiadas, actividades pedagógicas, exposições, conservação e restauro de equipamentos e maquinaria de interesse arqueológico-industrial (fots. 2 e 3), recolha e conservação de documentação histórica, projectos de história oral, edição regular de publicações, seminários, conferências e cursos sobre património industrial.

#### Síntese conclusiva

A água constitui-se como recurso fundamental no vale do Ave (fig. 17), quer do ponto de vista natural (hidrológico, hidráulico, ambiental...), quer do ponto de vista estratégico (económico, cultural, social...).

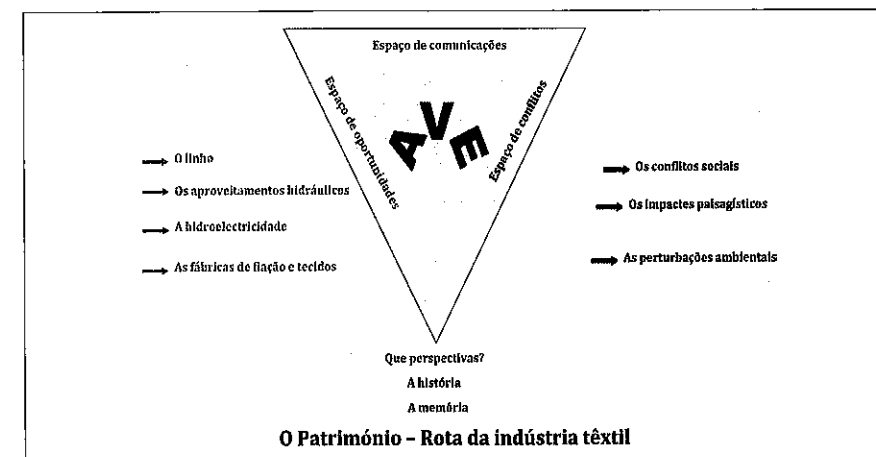


Fig. 17. Esquema-síntese final

O património industrial do Vale do Ave que resultou da relação entre o recurso água e a fileira têxtil demonstra as potencialidades que decorrem da sua integração territorial, visíveis, quer através dos espaços museológicos existentes, quer a partir das rotas temáticas criadas.

#### Referências bibliográficas

- ALVES, J. F. (2004): Cruzar os fios – a Fábrica Têxtil Riopele no contexto empresarial do vale do Ave. In *Estudos do Século XX*, n.º 4, pp. 437-468.
- ALVES, J. F. (2003): *A indústria têxtil do Vale do Ave*, in Património e Indústria no Vale do Ave, um passado com futuro, Rota do Património Industrial do Vale do Ave, ADRAVE – Agência de Desenvolvimento Regional do Vale do Ave, S.A., Vila Nova de Famalicão, p. 372-389.
- ALVES, J. F. (2003a): *Riopele – História de uma referência têxtil*, Pousada de Saramagos, Fábrica Têxtil Riopele, Vila Nova de Famalicão.
- ALVES, J. F. (2002): *Para que servem os meus olhos? Notas sobre o trabalho feminino na indústria têxtil de Guimarães*, in Forum (Universidade do Minho), 32, Julho-Dez, p. 61-79.
- ALVES, J. F. (2001): *Riba d'Ave – Na memória da indústria algodoeira*, Museu da Indústria Têxtil, Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, Vila Nova de Famalicão, 20 p.
- ALVES, J. F. (2000): *Cooperativismo e electrificação rural – a Cooperativa Eléctrica do Vale d'Este*, in População e Sociedade, n.º 5, 1999, 80 p., republicado no Boletim Cultural da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, 17, 11-81.
- ALVES, J. F. (1999): *Fiar e tecer – Uma perspectiva histórica da indústria têxtil a partir do vale do Ave*, Museu da Indústria Têxtil, Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, Vila Nova de Famalicão.
- ALVES, J. F. (1999a): *Uma nebulosa a noroeste. A indústria algodoeira*, Ler História, 36. pp. 83-123.
- Cordeiro, J. M. L. (2001): *Indústria e energia na Bacia do Ave: [1845-1959]*, Cadernos do Noroeste, Série História, n.º1 (2001), Braga, p. 57-174.

- CORDEIRO, J. M. L. (1995): *Indústria e paisagem na bacia do Ave*, Cadernos do Noroeste, n.º 2 (1995), Braga, p. 47-68.
- CORDEIRO, J. M. L. (1992): *Património industrial do Vale do Ave*, Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, Vila Nova de Famalicão.
- COSTA, F. S. (2004a): "As águas públicas na bacia do Ave: Uma perspectiva do ordenamento do território no início do século XX", *Actas do 7.º Congresso da Água*, Lisboa, 14 p.
- COSTA, F. S. (2008): "Hidro-conflitos na bacia hidrográfica do rio Ave – uma análise a partir das transgressões cometidas no período 1902-1973", *Actas do XI Colóquio Ibérico de Geografia*, 1 a 4 de Outubro de 2008, Universidade de Alcalá de Henares, Espanha, 15 p.
- COSTA, F. S. (2008a): *A gestão das águas públicas – O caso da Bacia Hidrográfica do rio Ave no período 1902-1973*, Dissertação de Doutoramento, Universidade do Minho, Braga, 857 p.
- COSTA, F. S. (2009): *Águas públicas e sua utilização no concelho de Fafe – Um contributo do ponto de vista histórico-geográfico*, Câmara Municipal de Fafe, Fafe, 114 p. (no prelo).
- MARQUES, T. S. (1998): "Sistema produtivo industrial e território um estudo da têxtil em Guimarães", *Revista da Faculdade de Letras – Geografia*, I Série, vol. IV, Porto, p. 55 a 103.
- MENDES, J. A. (2003): "A indústria do Vale do Ave no contexto da indústria nacional", in *Património e Indústria no Vale do Ave, um passado com futuro*, Rota do Património Industrial do Vale do Ave, ADRAVE – Agência de Desenvolvimento Regional do Vale do Ave, S.A., p.12-37.
- SILVANO, F. (1997): *Territórios da Identidade: Representações do Espaço em Guimarães, Vizela e Santa Eulália*, Celta Editora, Oeiras.